

RECEBIDO EM: 09-03-2020

ACEITO EM: 21-07-2020

ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: INVESTIGAÇÕES SOB OS PAPÉIS DE CHEFE OU LÍDER

Alex Medeiros Kornalewski¹
Francisco Ramos de Farias²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo principal verificar qual o entendimento dos discentes do Curso de Biblioteconomia, do turno matutino da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, no que tange às funções institucionais que o bibliotecário pode desempenhar no âmbito do papel de chefe e/ou líder. Além disso, pretende-se também verificar quais são as possibilidades de atuação profissional que os estudantes vislumbram para o profissional bibliotecário. A metodologia se baseia na análise de conteúdo das respostas que os discentes forneceram em uma atividade, de caráter não obrigatório, proposta em sala de aula. Apesar de ser uma atividade extra, a mesma contribuiria para a avaliação da disciplina intitulada Introdução à Psicologia. Como resultados argumenta-se que o bibliotecário é eminentemente percebido como líder, contudo há limites em relação às possibilidades de inserção profissional, pois as respostas dos discentes oscilam em apenas um local de atuação: a própria biblioteca.

Palavras-chave: Educação. Memória. Bibliotecário. Análise de conteúdo.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente pretende-se explorar a questão relativa ao âmbito da função da Universidade na sociedade, concentrando o olhar sobre a contemporaneidade, após isso se dará ênfase à figura do profissional da informação, especificamente o bibliotecário, para posteriormente perscrutar os papéis de líder e chefe que o mesmo pode exercer na sociedade. As reflexões perscrutam as competências deste profissional sob análise do material construído em sala de aula e empregado na presente pesquisa: as respostas dos alunos, do turno matutino, do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado

¹ Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Mestre em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social, vinculado a linha Memória e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2015). Doutor em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social, vinculado a linha Memória, Subjetividade e Criação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2016). Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (2015) e bibliotecário no Centro de Estudos sobre tabaco e Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz.

² Bacharel e Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), Especialista em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Psicologia, área Motivação e Aprendizagem pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1983) e Doutor em Psicologia, área Psicologia Cognitiva, pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1987).



do Rio de Janeiro. Assim sendo, dois apontamentos se fazem pertinentes para o esclarecimento da pesquisa.

O primeiro aspecto diz respeito à declaração dos alunos quanto a opção de curso prestado no ENEM. Aproximadamente 75% desses alunos declararam na atividade proposta que o referido curso não foi sua primeira opção dentro do conjunto de cursos disponíveis para serem selecionados. Em aditamento, também se destaca o fato de que grande parte dos discentes afirmou “estar ali para que os pais não reclamassem em seus ouvidos”, trazendo à tona um aspecto da aprendizagem que, a curto e longo prazo, pode dificultar no processo de construção do conhecimento, na medida em que o discente não se disponibiliza subjetivamente como parte integrante do processo de ensino aprendizagem por força do desejo, mas sim por força das ocasiões que excedem o âmbito de suas pretensões.

O segundo aspecto diz respeito à composição da turma que, apesar de ser composta majoritariamente por alunos do primeiro período, tendo em vista que a disciplina ministrada consta no primeiro semestre do curso de biblioteconomia, a mesma turma também apresenta um quantitativo de alunos de períodos diversos, no qual também se incluem alunos que cursam suas disciplinas finais ou mesmo que já defenderam seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o que viabilizou a pesquisa com um grupo de discentes que apresentassem, a priori, noções, conhecimentos, experiências diversas quanto a área da Biblioteconomia.

Analisar as inúmeras perspectivas de atuação do bibliotecário, por intermédio da fala dos próprios discentes, é essencial para compreender a visão social dos mesmos acerca da dita área de atuação. E também compreender o diálogo que a universidade promove junto aos seus membros, seja entre alunos com os professores, os pesquisadores. Quer dizer, a narrativa discente serve para dar visibilidade à comunicação acadêmica daquilo que os próprios alunos exercem pelo simples fato de participarem de atividades diversas no âmbito acadêmico. Além disso, a fala discente provê subsídios para tomadas de decisão, por exemplo, quanto à divulgação, explicações, fundamentos da biblioteconomia que são ministrados na relação professor/aluno; qual o acesso à informação que os mesmos possuem ao adentrarem no campo acadêmico (bases de dados, artigos científicos, dissertações, teses, trabalhos de eventos, palestras e afins). Em suma, a narrativa discente auxilia no *feedback* quanto a construção do conhecimento que a universidade promove e ou deve promover junto aos seu corpo estudantil.

Logo, a pesquisa tem por objetivo investigar, por intermédio da fala dos discentes, suas perspectivas quanto a atuação do bibliotecário. Somado a isso, cabe discorrer sobre objetivos específicos que se somam ao modelo de atuação do profissional: o papel de líder e o papel de chefe. As atividades



dos discentes evocam nuances distintas no que concerne ao âmbito de atuação e o papel que o profissional exerce ou, na perspectiva deles, deve exercer. Para enveredar nesse processo de análise, o artigo se desenvolve nas seguintes seções.

Após a presente introdução, a segunda seção versa sobre a função da universidade para o corpo social, bem como sua influência na formação do bibliotecário. A terceira seção discorre sobre os papéis de líder e de chefe, comumente associados ao bibliotecário, de forma a discorrer sobre o exercício dessas relações e seus possíveis efeitos na esfera social, compreendida por meio de uma comunicação que se dá de forma horizontal ou vertical com o outro. A quarta seção apresenta os pressupostos metodológicos, cujo instrumento utilizado foi a análise de conteúdo das atividades escritas dos discentes. A quinta seção apresenta os registros dos discentes dentro do aporte metodológico citado, além da análise dos dados. Eis que se seguem as considerações e as referências.

2 DA FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE À FORMAÇÃO SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO

As universidades são Instituições de Ensino Superior (IES) e sua evolução enquanto instituição está intrinsecamente vinculada às alterações políticas, econômicas, ideológicas, religiosas, bem como as tecnológicas, científicas e sociais. Tais atravessamentos perpassam pelas interações que estabelecem entre as pessoas que integram os diferentes espaços institucionais, e também influenciam, recursivamente, o resultado dos seus produtos, conhecidos como tripé da Universidade – educação, pesquisa e extensão (FÁVERO, 2014). As IES são geradoras de influências sociais, quando disponibilizam profissionais e conhecimento e pelo fato de terem de lidar com o retorno potencializado das demandas, resultado das ações qualificadas destes profissionais, seus egressos, assim como com o conhecimento que recaem em seus meandros, em forma de novas demandas, para que novamente, os profissionais egressos possam desenvolver melhorias à sociedade. Quando esses produtos das IES caem no contexto social, têm-se o cumprimento da sua finalidade momentânea, e são superados, a retornar como novos desafios a serem investigados. Como protagonistas desta recursividade, as IES inserem-se no rol das principais organizações responsáveis pela geração da complexidade social existente (FÁVERO, 2014).

Praticamente, a quase totalidade dessa movimentação gera tensões internas nessas organizações, pois colocam em xeque os modelos de IES praticados até então. Despertam questionamentos referentes ao perfil da identidade social das IES e reivindicam estruturações e funcionalidades adequadas ao momento atual. Muitos desses questionamentos existentes não mais respondem às demandas educacionais; nem as



sociais e muito menos as tecnológicas, ao contrário geram expectativas de que as IES se superem e se insiram no contexto. O contexto social extremamente dinâmico e intransigente promove discussões sobre como afeta os três pilares dessas instituições. Ao referir-se às reivindicatórias de revisões sobre a identidade das organizações de ensino superior, Santos (1997) argui que elas recebem influências peremptórias, aceleradas, da sociedade e do Estado, insistentemente.

A produção das IES deve, em essência, ser analisada por seu impacto sistemático e dinamismo no espectro sociocultural, por um determinado tempo, até quando surgem inovações, ou seja, são sistemas cuja complexidade introduz fatores como a tríade: instabilidade, irreversibilidade e evolução, o que, por conseguinte, implica em um processo de auto-organização constante (VASCONCELOS, 2002).

Todavia, a gênese das IES e do respectivo curso de biblioteconomia advém de uma construção escolástica, cujo palavra, sob o ponto de vista etimológico, advém do grego σχολή (scholē), cujo significado é o lugar do ócio. Tanto a escola, como as bibliotecas, vistas como suporte de pesquisa e armazenamento de acervos e construção do saber disponível e acessível para poucos, demonstra, em termos históricos, que ambas as instituições surgiram e se legitimaram a partir da relação do Estado e da Igreja, por intermédio da chegada dos Jesuítas, que institucionalizou um plano pedagógico prioritariamente nos Estados de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco e Pará, utilizando-se de profissionais considerados intelectuais, para gerenciar a estrutura, o acervo e as atividades da biblioteca (SILVA, 2011).

A direção desencadeada pelo processo de produção, e realinhamento educacional frente a evolução e o surgimento de novos paradigmas, cujo foco transpassa a lógica do lugar do ócio para o atendimento a demanda de ordem social, implica em novas qualidades necessárias na formação dos profissionais-cidadãos que emanam das IES, de forma a promover o “desenvolvimento de competências em informação, no empoderamento das informações e no empreendedorismo, [...] com o objetivo de alcançar os diversos estágios do protagonismo social (FARIAS; VARELA, 2018, p. 42). Além disso, há de se acompanhar os novos parâmetros de relação das bibliotecas com seu respectivo usuário. Esses usufruem das instituições na categoria de alunos, mas, quando egressos, tornam-se essencialmente atores sociais. Desse modo, a forma como as IES e as bibliotecas estruturam o papel que representam na sociedade influi também no perfil histórico da formação e, conseqüentemente no papel que essas pessoas assumem no cotidiano, o que demonstra o quão importante é a adequação da biblioteca com as IES, de forma a estabelecer uma relação da comunidade potencial, ou real, com os respectivos serviços que as instituições supracitadas fomentam, além de propiciar um desenvolvimento de uma linguagem integrada,

no qual as pessoas não apenas utilizem dos serviços para usufruto próprio, mas principalmente, para construir conhecimentos que reflitam na esfera social (MOREIRA; VANALLI, MOREIRA, 2017, p. 3). Outrossim, os avanços dessas instituições quanto a questão da autonomia política, administrativa, financeira e pedagógica ainda atuam mediante a manutenção das tendências políticas predominantes.

Atrelado aos múltiplos vieses supracitados e inerentes as IES e as bibliotecas, têm-se uma miríade de evoluções da ordem científica e tecnológica oriunda desde as mais priscas eras fazendo com que a sociedade adeque parte de seu cotidiano a implementação dessas novidades. Mais recentemente ingressamos no que ficou conhecida como a sociedade da informação, ou sociedade em rede, fazendo com que o fluxo informacional viesse a ser intensificado por intermédio dos mais diversos meios de comunicações (POLIZELLI, 2007; CASTELLS, 2005).

Essa nova dinâmica social fundamentada na informação, que circula por intermédio das tecnologias, obviamente traz consigo dilemas e questões no que tange ao âmbito da educação, seja em relação a formação que vem sendo ofertada aos estudantes que procuram se ocupar disso por mais anos do que o comumente encontrado, seja em relação a formação daqueles que realizam ensino voltado para o ingresso mais imediato no mercado de trabalho. Com isso, uma das incumbências de todo e qualquer sistema educacional é acompanhar as modificações da sociedade, propiciando ao aprendiz condições necessárias à manutenção de sua qualidade de vida no meio social o que corrobora para que a educação seja essencial na “construção de uma sociedade da informação e condição essencial para que pessoas e organizações estejam aptas a lidar com o novo, a criar e, assim a garantir seu espaço de liberdade e autonomia.” (TAKAHASHI, 2000, p. 7). Logo, a biblioteca, como um dos muitos campos de atuação do profissional formado pelo curso de Biblioteconomia, reflete sob o viés da competência informacional dos profissionais, tendo como principal recurso a informação, que irá auxiliar no processo de ensino e aprendizagem ao longo da vida de cada pessoa (CAVALCANTE, 2006; SANTA ANNA; CALMON; CAMPOS, 2017). Em suma, edifica-se a proposta de um profissional que possa transitar por inúmeros papéis na sociedade, atrelando suas competências em prol dos múltiplos e possíveis espaços de atuação (SOUZA; FEITOZA, 2018).

Dessa forma, instituições como a escola, a universidade e a biblioteca, por serem socialmente consideradas espaços de construção do saber (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2005), ao trabalharem com informação, devem ancorar-se sob um mesmo propósito: formar pessoas capazes de analisar, interpretar e refletir acerca das informações que lhes são apresentadas no decorrer da vida, capacitando-os



assim a tomar decisões que estejam de acordo com sua ética, possibilitando o amplo desenvolvimento da sociedade (TETERYCS, 2008).

Martins (2017, p. 76) endossa que a relação da educação com o ambiente em que o bibliotecário atua deve resultar em um modelo de intervenção para o compromisso ‘desejante’ de profissionais ligados à transformação social do espaço educativo. Assim, têm-se um profissional que além de atuante, constrói suas próprias experiências por intermédio dos vários matizes de atuação: “alguém que decide, que exclui, que interpreta, que socializa, que motiva a si próprio e ao outro, que interage de diversas formas em diversos ambientes, um sujeito que constrói e desconstrói seu conhecimento” (MARTINS, 2017, p. 76). Para tal, o bibliotecário, deve capacitar-se quanto aos recursos informacionais, ao acesso, às tecnologias e administração, utilizando-se do conhecimento como base para melhorar os serviços de informação e no que tange aos campos de conhecimento. Abels et al. (2003) distinguem quatro deles: a) administrar as organizações informacionais; b) administrar os recursos informacionais; c) administrar os serviços informacionais; d) aplicar tecnologias e ferramentas de informação.

No que tange a formação do bibliotecário no Brasil, as diretrizes do Ministério da Educação (BRASIL, 2001) apontam que as competências desse profissional devem considerar: 1) gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; 2) formular e executar políticas institucionais; 3) elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; 4) utilizar racionalmente os recursos disponíveis; desenvolver e utilizar novas tecnologias; 5) traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; 6) desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; e, 7) responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo. Todavia, Souza e Feitoza (2018, p. 64) ressaltam a importância dos cursos de biblioteconomia de fomentar no “conteúdo de suas disciplinas, condições para que o bibliotecário possa cumprir seu papel social e corresponder aos interesses da comunidade na solução de problemas sociais, através de currículos abertos e flexíveis”.

Diante do vasto campo de atuação e, por conseguinte, de atividades inerentes ao bibliotecário, é mister uma reflexão quanto as relações de poder do mesmo em relação as demais categorias, pois alunos, professores, diretores e as relações institucionais entre a biblioteca e a universidade corroboram em diversos modos de comunicação interpessoal, no qual o profissional em questão deve aliar seu papel em harmonia com os demais, de forma a prover um processo de comunicação dialógico, ou seja, benéfico e funcional entre as categoriais envolvidas, ao invés de um processo monológico, cuja função do



bibliotecário torna-se algo isolado, desprovido de relação interpessoal (BUBER, 2014). Assim sendo, cabe-nos discorrer sobre a diferença de relação interpessoal do bibliotecário compreendida pelo conceito de chefe ou líder.

3 CHEFE OU LÍDER? O BIBLIOTECÁRIO E SEU PAPEL NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Para dissertar sobre o viés de chefe ou de líder inerente ao papel do bibliotecário, é salutar alguns apontamentos sobre a função paterna, tema amplamente explorado na psicanálise, especialmente por Freud (2013) e Lacan (2003), nas relações e interações que se constituem ao longo da existência humana, principalmente no que concerne ao segundo patamar do processo de socialização que tem lugar pela transmissão do legado cultural, entendido por esses autores, como sendo da ordem da função paterna, ou melhor, é em função do processo de filiação à genealogia paterna que o ser humano dispõe de dispositivos para circular na cultura. Desse modo, concebe-se a figura paterna no papel de ordenador das funções sociais, na medida em que se ocupa da função de transmitir a lei na forma de interdição, como meio de proteção para a cria humana em suas andanças e escolhas no âmbito da cultura.

O século XX pôde testemunhar o apogeu da psicanálise que foi criada, segundo os postulados freudianos, para dar conta do mal-estar na civilização, mal-estar este, causado pela forte repressão social exercida sobre a vertente pulsional do ser humano, tendo um peso considerável em termos de ser um resto da moral vitoriana, presente na sociedade europeia. Para Freud (1976a), a cultura revela uma faceta trágica, tornando o ser humano fadado a um desamparo fundamental e a impossibilidade de ser feliz, em decorrência de uma relação conflituosa entre pulsão e a civilização que jamais será ultrapassada, uma vez que ela é de ordem estrutural e produtora de desarmonia nos laços sociais.

Pautado nesses ideais da modernidade, Freud (1976b) disserta sobre o mito de um pai onipotente primordial considerado como o chefe de uma horda primitiva em “Totem e Tabu”, no qual, ao mesmo tempo em que tenta salvar a decadente imagem do pai assassinado pelos filhos, ao instituí-lo como simbólico, funda a civilização através de um pacto estabelecido pela comunidade dos filhos, no que tange à proibição do parricídio e das relações endogâmicas. Nesse mito, é condição imprescindível que o pai tirano morra enquanto homem, pois, só após a celebração e o pranteio da sua morte, no âmbito de uma culpa irreparável, o mesmo poderá se constituir como pai simbólico. Todavia, para que a edificação do homem em pai se realize, é preciso que ele seja miticamente investido de um atributo fálico imaginário, ou seja, que a ele seja suposto deter aquilo de que todo homem é desprovido (DOR, 1991). Uma vez

morto o pai, os filhos constituem-se divididos entre o desejo e o gozo, à medida que a figura simbólica paterna se faz representar como exceção, ou seja, pelo “ao menos um” que, por se encontrar imune à castração, por se posicionar como um terceiro em exceção, possibilita a existência e a coesão grupal. Portanto a figura paterna designaria o princípio da autoridade que sustentaria o “fio e a trama” do tecido social (ARAÚJO, 2002).

No que tange a formação dos grupos, a identificação poderá ocorrer por duas vias. Uma delas vinculada a um laço emocional conflitivo, como é o caso da figura do pai e outra relacionada ao laço emocional solidário que acaba por unir os membros de um grupo entre si (ARAÚJO, 2002). Portanto o fenômeno do grupo supõe a existência de um duplo direcionamento afetivo. Um deles responsável pela coesão (podendo este ser entendido como o direcionamento vertical, que vincula o grupo ao “pai”; o outro, responsável pela identificação de uns com os outros como sendo iguais), ocorre segundo um direcionamento afetivo horizontal. Verifica-se que os grupos se constituem por sujeitos iguais, em termos das condições sociais em que se situam, ao mesmo tempo em que almejam ser governados por uma única pessoa, dito de outra forma, “muitos iguais que podem se identificar entre si, e um único superior a todos eles, essa é a situação que encontramos concretizada na massa capaz de sobreviver” (FREUD, 2013, p. 128).

Portanto o “pai”, identificado pela relação afetiva vertical, pode desempenhar papel de líder ou chefe dependendo das funções que exercer. O líder pode ser considerado aquele que inspira os outros a efetuarem deslocamento no espaço do grupo; trata-se daquele que não recorre a uma ação autoritária em relação ao grupo, contudo não deixa de ter a autoridade em relação a ele. Gomes (2019, p. 13) apresenta o conceito de protagonismo, como algo inerente a pessoas que “assumem ações de liderança, se colocam contra obstáculos que representem ameaça ao coletivo, assumem embates pela construção de um mundo em favor do bem comum”.

A correta organização dos processos que ocorrem no grupo em questão é o foco do líder, para que sejam mantidos os objetivos do grupo, dentro das ocasiões que o atravessa, bem como a sua posição de líder em relação aos demais, ou seja, o líder preconiza uma relação interpessoal salutar, visa o social, haja vista que emprega várias características em comunhão com as pessoas que pertencem ao seu grupo, tais como: “boa comunicação; relacionamento interpessoal; empatia; persuasão; imparcialidade; administração de conflitos; diplomacia; dinamismo; feedback; retro alimentação da informação; processo educativo; bom ouvinte; trabalho em equipe” (SOUSA; SANTO, 2010, p. 162).



Já o chefe, apesar de buscar a conservação dos mesmos aspectos supracitados (objetivos situacionais e autoridade), o faz por intermédio do reconhecimento de sua figura de poder em relação aos demais integrantes do grupo. Não há necessariamente uma preocupação com a harmonia dos processos, fazendo com que a intervenção do chefe possa, a qualquer momento, reorganizar os mesmos no intuito de cumprir os objetivos almejados por ele em relação ao grupo, aplicando-lhes a obediência pela força, mesmo que os subordinados, tal como a perspectiva do chefe, enfatizem que o estilo predominante na relação interpessoal seja democrático (LION; MIRANDA, 2016, p. 142).

Constata-se, a partir dos argumentos apresentados sobre a relação da função paterna com os papéis de líder e chefe, que a divisão explicitada entre os conceitos de líder e chefe, em termos didáticos, são salutares para a compreensão do papel ao qual o bibliotecário exerce. Todavia, esses papéis podem ser adotados de forma voluntária ou involuntária, perceptível para o mesmo ou para os demais membros de uma equipe. Da mesma forma, a linha vertical adotada pelo chefe promove uma comunicação e relação interpessoal de poder enquanto que a linha horizontal adotada pelo líder, promove uma interação entre os demais pois os laços permitem uma identificação com o líder, da mesma forma que o líder assume o papel de representante, e identificação, com os demais que o alçam a representatividade. Em suma, o bibliotecário chefe pode se mostrar como um papel que exerce uma comunicação monológica, enquanto que o bibliotecário líder promove uma comunicação dialógica, tal como os preceitos já explicitados por Buber (2014). Cabe enveredar a pesquisa para as narrativas dos discentes, pois as mesmas demonstram múltiplas percepções quanto a atuação do bibliotecário, bem como o papel que o mesmo assume ou deve assumir, de forma que não evocam, necessariamente, um papel que denota o valor negativo ou positivo.

4 PERCURSO METODOLÓGICO APLICADO

Cumpre-nos desvelar, a luz da questão respondida pelos estudantes, qual é a perspectiva que os mesmos têm em relação a ação do bibliotecário nas instituições que demandam o seu saber, sua técnica e suas estratégias de gestão da informação. O artigo que segue a modalidade aplicada por meio da investigação das atividades discentes, se estrutura a partir do viés descritivo e da abordagem qualitativa (RODRIGUES, 2007).

É importante evidenciar e relembrar que a análise do material selecionado é norteado pela metodologia de análise de conteúdo, que se trata de uma ferramenta metodológica empregada para “obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras que



permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 44). Sendo assim, pode-se dizer que o método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras: de um lado a fronteira da linguística tradicional e do outro o território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica).

O presente trabalho aborda os dois âmbitos simultaneamente, por intermédio de leitura e inferências que pretendem girar em torno do papel desempenhado pelo bibliotecário, enquanto chefe ou líder, nos contextos apresentados pelos estudantes. Em suma, o que se realizou foi a análise do que é explícito na escrita dos discentes, procurando detectar falas e expressões que se relacionem com o foco do trabalho. Eis que foram utilizados quatro aspectos para o desenvolvimento da análise de conteúdo: a categorização dos temas, frequência, direção e ordem.

O tema compreende uma unidade de registro, um recorte que não é fornecido, pois depende de uma análise prévia, ao invés de manifestações formais reguladas (BARDIN, 2009). No caso, a temática investigada abrange as tipologias de bibliotecas ou demais instituições de atuação do bibliotecário. Ressalta-se que nenhuma dessas unidades de registros foram impostas nas respostas dos alunos, haja vista que os mesmos poderiam optar por citar um ou mais exemplos ou mesmo nenhuma das apontadas no referido exercício.

Quanto a frequência, a priori, é definida como uma medida utilizada para investigar a frequência de aparição e “postula que todos os elementos tenham uma importância igual” (BARDIN, 2009, p. 138). Investigou-se a quantidade de termos e menções a categoria de líder, chefe e filho aplicada aos profissionais bibliotecários, bem como os termos e menções a determinadas tipologias de bibliotecas e outras instituições adotadas pelos alunos em suas respostas.

No que diz respeito a direção, Bardin (2009, p. 141) afirma que é uma medida de investigação que adota o viés “favorável, desfavorável ou neutra (eventualmente ambivalente)”. Nesse caso, aplica-se a medida citada de acordo com o posicionamento das respostas, em consonância com a teoria discutida no presente artigo. A categoria de líder localiza-se na ponta mais positiva enquanto que a categoria de chefe, filho se desloca para a ponta mais desfavorável. Optou-se por manter em estado de neutralidade quando a resposta mescla menções quanto ao bibliotecário ser chefe/líder ou líder/filho.

A lógica da ordem também é um critério pertinente para investigações inerentes a análise de conteúdo, pois pode dar visibilidade a significados importantes, além de ser uma medida que pode endossar o descrito na frequência (BARDIN, 2009). Nessa medida, prioriza-se a investigação do ordenamento de citações aos termos de líder, chefe, filho ou mesmo a ausência dos respectivos termos.



As respostas obtidas foram oriundas de uma atividade aplicada aos estudantes na modalidade de educação à distância, na qual, os mesmos tinham o prazo de um dia inteiro para encaminhar as respostas via plataforma ao professor da disciplina. A aula tinha por objetivo introduzir a temática da ordem social e seus entrelaçamentos, por intermédio das organizações sociais, família e demais instituições, para, posteriormente, articular o conteúdo supracitado com as próximas aulas. Em aditamento, utilizou-se de recursos audiovisuais e textuais, ambos disponibilizados para os discentes via plataforma *on-line*.

A atividade do dia contou com duas questões, dos quais destacamos apenas uma por ser a que se relaciona diretamente com os objetivos deste trabalho. Eis o texto da questão: “As múltiplas tipologias de bibliotecas (pública, escolar, especializada, comunitária etc.), unidades de informação, centros culturais, ONG’s, editoras e afins são algumas das instituições em que o profissional bibliotecário se faz presente. Com base no texto desta aula, quais são as formas de identificação, relativas a construção de vínculo, no âmbito do líder ou chefe? Defina-as e exemplifique com base na relação do profissional bibliotecário e demais funcionários inerentes à instituição de sua escolha.”

A disciplina tem 37 alunos inscritos na plataforma. Contudo, o fato da atividade proposta compor o quadro de avaliações como uma tarefa eletiva, portanto não sendo obrigatória nem pontuada, foram geradas 22 entradas de exercícios, sendo que uma foi descartada pelo fato do aluno ter deixado a questão em branco, ou seja, empregou-se 21 entradas de exercícios para a questão. Ressalta-se que elencamos apenas os trechos das respostas que apresentam os dados estudados. Os demais trechos apresentam redundâncias quanto a questão e ou frases de introdução para a resolução da questão o que implica na necessidade de realizar a supressão, para não estender o tamanho do texto para além dos moldes convencionais de um artigo.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO: A NARRATIVA DOS DISCENTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIRIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A investigação aplicou a metodologia de análise de conteúdo tal como descreve Bardin (2009). O mesmo também ressalta que os modelos explicitados em seus escritos não são rígidos, podem ser adaptado o modelo de análise de acordo com as necessidades do pesquisador. Assim sendo a análise de conteúdo permite compreender, ressaltar, ou mesmo refutar, questionamentos que, a priori, foram concebidos pelo próprio pesquisador. Após a apresentação da metodologia empregada nas falas dos discentes abaixo, segue a análise dos dados e codificados adotadas.

Quadro 1- Análise de conteúdo sobre as categorias atribuídas ao bibliotecário.

Observações	Sequências	Temática	Frequência/ Direção	Ordem
Diretor da escola como um chefe distante que impõe ordens	1 [...] No âmbito de uma escola, o bibliotecário se enquadra na posição de líder dentro da biblioteca visto que juntamente com as pessoas que frequentam o local, ele ajuda a encontrar as informações reconhecendo também suas limitações e aprendendo junto com o usuário. Já o diretor dessa escola seria o chefe que mesmo distante e não conhecendo as necessidades da biblioteca pode impor ordens de acordo com suas opiniões.	biblioteca escolar	[1] líder +	líder
Hierarquia, Autoridade, influência, poder. Noções aplicadas de acordo com a noção de chefe.	2 [...] Em uma biblioteca, por exemplo, há uma hierarquia na relação entre funcionários. O administrador da biblioteca possui maior autoridade , por exemplo, do que os que trabalham para mantê-la limpa. Assim como os bibliotecários, que possuem certa influência , mas não a influência absoluta. Como qualquer relação entre pessoas, os ambientes de bibliotecas também reproduzem a relação de quem tem poder com quem segue o poderoso.	ND	ND	ND
Conflito chefe/ líder	3 [...] Como exemplo do pai tirano o bibliotecário é aquele que tem acesso à informação e pode ser visto como alguém superior. Ainda assim, o grupo deseja obter a informação que ele pode ter. E ainda, o bibliotecário pode ser o pai amoroso, aquele que acolhe o grupo em seu espaço, o ajuda, o instrui e o orienta. Será o “guia” do grupo.	ND	[1] chefe - [1] líder +	chefe líder
Conflito chefe/ líder	4 Por exemplo, em uma biblioteca, o bibliotecário trabalha como sendo um líder, pois este orienta, ajuda e mostra um caminho às pessoas em relação à informação que procuram, enquanto que quem está “acima” de seu cargo, seu chefe, preza pela organização da biblioteca ordenando e cobrando isto do bibliotecário, mas não o ajudando em si. Não que o bibliotecário não preze pela organização, a questão é o chefe somente ordenar, mandar e não fazer. Assim como um bibliotecário possa se tornar chefe na questão da limpeza das estantes de livros, em que ele talvez não faça a limpeza, e sim ordene alguém que a faça.	ND	[1] líder + [3] chefe -	líder chefe
Conflito chefe/ líder	5 Em uma biblioteca escolar, para os alunos que buscam informações e conhecimentos o bibliotecário é um líder. Pois ele quem detém esses conhecimentos e vai auxiliar os alunos nessa busca por conhecimentos. Já para outros alunos que por exemplo foram mandados para biblioteca como um castigo ou uma punição o bibliotecário ao propor atividades estudantis a esses alunos que não estão interessados e vão ser obrigados a fazer a atividades verão o bibliotecário como chefe por impor coisas a eles.	biblioteca escolar	[1] líder + [1] chefe -	líder chefe

Ausência de discussão quanto ao âmbito de atuação do bibliotecário.	6 [...] o conceito de Neocomunidades como forma pós-moderna do processo de dinâmica sociocultural que trata da reconstrução da memória social de comunidades tradicionais, por longo tempo esquecidas, que, com o apoio de agentes externos, realizam uma reconstrução de saberes e lugares da memória social através do trabalho em conjunto a pesquisadores geralmente vinculados a ONGs, gerando ambiência cultural <i>sui generis</i> . [...]	ONG's	ND	ND
Conflito chefe/líder	7 Em uma biblioteca universitária o bibliotecário-chefe (gerente) exerce o papel de liderança pois ele é quem define as divisões de trabalho, a departamentalização, a cadeia de comando, a margem de controle, centralização e descentralização e a formalização. [...]	biblioteca universitária	[1] chefe - [1] líder +	chefe
	8 O "chefe" da biblioteca seria o bibliotecário e o grupo formado seria tanto os funcionários quanto as pessoas que frequentam aquele local. No vínculo vertical, a imagem do bibliotecário forma-se como apessoa ideal a favorecer o conhecimento necessário sobre aquele lugar e sobre as obras presentes, além de saber informar o nível de utilidade de algumas [obras] para determinada pesquisa; enquanto que no vínculo horizontal, o respeito ocorre entre as pessoas que frequentam a biblioteca e as que trabalham lá, onde na verdade, uma necessita do outro para poder continuar fazendo seu trabalho ou sua pesquisa, sem que haja problemas entre elas.	ND	[1] chefe -	chefe
líder visto como um "cargo" concedido por determinada autoridade	9 Ao adentrar a biblioteca procura-se pela pessoa que vai te conduzir ao objeto de pesquisa, e a relação entre o líder e o individuo é estabelecida pela autoridade local, a forma como essa autoridade se faz presente no meio diz se será feita de uma forma amistosa ou não.	ND	[1] líder +	líder
	10 [...] O profissional bibliotecário além de lidar com sua equipe de apoio deve também, em muitas das vezes, atender ao público em geral, e ter uma equipe coordenada que prontamente atenda suas demandas e solicitações é imprescindível ao bom atendimento. Desenvolver as características de um líder é algo fundamental para o profissional bibliotecário ser capaz de articular os esforços de sua equipe para um melhor aproveitamento dos recursos a sua disposição e consequentemente atingir a excelência em seu ofício. [...]	ND	[2] líder +	líder
Conflito chefe/líder evidenciado pelos termos "subordinados", "sua equipe" e "liderança"	11 [...] pensemos no trabalho do bibliotecário em escolas, seja na rede pública ou privada. O profissional deve, com seus subordinados, sua equipe , procurar manter uma relação de liderança colaborativa.	biblioteca escolar	[2] chefe - [1] líder +	chefe

Conflito chefe/ líder	12 [...] a função do bibliotecário, que detêm tanto o poder em uma biblioteca, mas que se não souber ser um bom líder, não terá uma gerência eficaz, pois sua função é administrar não só livros mas também pessoas, seja funcionários ou usuários que demandam por uma determinada informação. Para que o bibliotecário [...] seja atualizado, precisará da cooperação de todos os seus funcionários e seus respectivos <i>feedbacks</i> e, se não estiver aberto a isso, não terá domínio da informação dentro da sua própria biblioteca. Resumindo, um chefe manda e é obedecido, um líder pede solicita é atendido.	ND	[2] líder + [1] chefe -	líder chefe líder
hierarquia e diretor como chefe	13 Em uma biblioteca escolar, o diretor tomaria o papel do “pai” mencionado em Totem e Tabu (Freud, 1913), limitando a área de ação do bibliotecário e o conteúdo a ser trabalhado por ele, que por sua vez, tomaria o papel de líder, descrito em Moises e o monoteísmo – Três Ensaíos (Freud, 1939), que, mesmo não sendo eleito pelos seus auxiliares, tem o dever de liderá-los para manter a ordem e o funcionamento da biblioteca.	biblioteca escolar	[1] líder +	líder
papel de líder declarado, mas com evidências que demonstram o potencial viés de “chefe”.	14 Um bibliotecário apresenta-se como líder de uma biblioteca, pois possui o poder de administrar o conhecimento e disseminar a informação. Entretanto, para que alguém ocupe esse posto, é necessário que o indivíduo possua os atributos indispensáveis para tal cargo. Podemos identificar um bibliotecário ao notar que ele ou ela possui a capacidade de recomendar determinados livros a determinadas pessoas (Pois o conhecimento sobre o livro é suficiente para compartilhá-lo com alguém) e catalogar a informação de acordo com semelhanças e diferenças. O bibliotecário é indispensável em uma biblioteca e a disseminação do conhecimento não seria possível sem a presença dessa “autoridade” .	ND	[1] líder +	líder

Fonte: construção dos autores, 2020.

Quadro 1- Análise de conteúdo sobre as categorias atribuídas ao bibliotecário (cont.).

Observações	Sequências	Temática	Frequência/ Direção	Ordem
-------------	------------	----------	------------------------	-------

<p>Visão do profissional como líder, mas impregnado da "cultura de chefia".</p>	<p>15 O líder pode ser visto não como aquele que manda e sim como alguém que apresenta sabedoria diante de um grupo e os guia. Um profissional bibliotecário tem essa definição quando relacionado ao público de bibliotecas e centros de informação, onde ele se vê no papel de se por à dispor e ajudar o usuário que se desloca à tais lugares em busca de conhecimento. [...]. Já a definição de chefe impõe autoridade e responsabilidade de maior caráter, o profissional vê-se no dever de chefiar e mandar em algo ou alguém. O bibliotecário quando encarregado de tal cargo não lida diretamente com o público e sim com a administração do espaço e seus funcionários inferiores, indiretamente o trabalho original do mesmo acaba tornando-se terceirizado [...].</p>	<p>ND</p>	<p>[1] líder + [2] chefe -</p>	<p>líder chefe</p>
<p>adoção do termo "chefe" com características ligadas ao conceito de "líder",</p>	<p>16 [...] um bibliotecário pode ser visto como chefe, partindo do princípio de que são expositores de ideias e opiniões sem que as imponham, mas as oferecendo com sutileza a quem estiver disposto a recebê-las ou em busca das mesmas.</p>	<p>ND</p>	<p>[1] chefe -</p>	<p>chefe</p>
<p>Alta segmentação da escala vertical.</p>	<p>17 Na Biblioteca de Mangueiros, localizada na Fundação Oswaldo Cruz, há a divisão de trabalho da seguinte forma: Chefia > Secretaria > Informação/Circulação/Empréstimo de Acervos > Periódicos Correntes > Base de Dados/Comutação Bibliográfica/SCAD > Reprografia > Processamento Técnico ABIA > Processamento Técnico de Periódicos > Processamento Técnico de Monografias e Multimeios > Tecnologia da Informação > Gerenciamento do Sistema de Acervos > Obras Raras > Gestão de Acervos Bibliográficos > Preservação de Acervos Bibliotecários > Secretaria. Percebe-se nessa biblioteca a função de chefe bem demarcada. Já a função de líder não dá para saber quem é líder, pois qualquer um que esteja em uma função, hierarquicamente, acima do outro pode ser considerado chefe.</p>	<p>biblioteca especializada</p>	<p>[2] chefe - [2] líder +</p>	<p>chefe líder</p>

Quadro 1- Análise de conteúdo sobre as categorias atribuídas ao bibliotecário (cont.).

Observações	Sequências	Temática	Frequência/ Direção	Ordem
	18 Podemos afirmar que nas bibliotecas o fenômeno grupal supõe um duplo direcionamento do laço efetivo. O vínculo vertical, que une os membros do grupo (os iguais) ao seu líder (um superior, um desigual). O vínculo horizontal, na medida em que ele une somente os membros do grupo entre si. Todos os membros devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dirigidos por uma pessoa só. No vertical a figura do chefe é interiorizada. No horizontal, a identificação dos membros uns com os outros se dá no registro do Ego, assegurando não mais a unidade, mas a coesão dos membros do grupo. É como se o líder fosse uma figura paterna a quem os outros membros do grupo possam confiar e se sentir seguros.	ND	[2] líder + [1] chefe -	líder chefe líder
visão hierárquica na qual consta um chefe que regula as atividades do bibliotecário visto como líder.	19 [...] pode-se compreender que os chefes dos bibliotecários podem ser considerados chefes quando se preocupam apenas com as metas batidas por seus subalternos (bibliotecários), fazendo com que estes assumam mais de uma função e/ou tenham a relação entre carga horário e salário incompatíveis. Em contrapartida, os bibliotecários agem como líderes, pois orientam aqueles que buscam informações no âmbito da biblioteca.[...]	ND	[2] chefe - [1] líder +	chefe chefe líder
Ausência de discussão quanto ao âmbito de atuação do bibliotecário.	20 ND	ND	ND	ND
bibliotecário como profissional em esfera abaixo da hierarquia gerencial	21 Um chefe é “o papel do pai tirano da horda primitiva”, aquele que é visto de forma negativa, mas que mantém a estruturação através de se suas ordens rígidas. A figura do chefe seria justamente aquele que está acima dos bibliotecários e lhes dá ordens afim de manter um espaço. O líder é dito como “um líder carismático que conduz e hipnotiza as massas”, aquele que além de guiar seus seguidores está constantemente envolvido com as atividades. Este seria o próprio bibliotecário, que orientam aqueles que vem em busca de conhecimento e ajuda.	ND	[2] chefe - [2] líder +	chefe chefe líder

Fonte: construção dos autores, 2020.

Das 21 entradas de exercícios, ou sequências, tal como consta nomeado na tabela do presente artigo, e registradas na plataforma, 16 dessas sequências apresentam a função líder como um aspecto inerente ao bibliotecário. Todavia, desses 16, apenas 5 sequências discorrem sobre a relação do bibliotecário com a função de líder de forma isolada. Dito de outra forma, são alunos que ao relatarem em

suas questões sobre essa relação, não apresentam palavras, expressões ou indícios que demonstrem identificações quanto ao bibliotecário também ser observado sob os aspectos de um chefe. Cabe acentuar que o entendimento do bibliotecário como líder de forma isolada condiz com a descrição de uma pessoa dotada das competências de decisão, interpretação, socialização, motivação de si e do outro, interação multifocal e apto a promover o intercâmbio de conhecimento de forma alinhada, horizontal, por intermédio de suas relações interpessoais (MARTINS, 2017).

Quanto as sequências que discorrem de forma combinada ou isolada sobre a função de chefe, há 13 sequências que versam sobre a possibilidade de o bibliotecário apresentar competências alinhadas com as características de chefe, enquanto apenas 2 tratam do bibliotecário como um profissional estritamente construído sob as competências elencadas ao chefe. Em suma, poucos alunos compreendem o bibliotecário com características que o denotam isoladamente como um chefe.

Contudo, ao investigar as narrativas que apresentam as duas categorias chefe x líder na resposta, é crível o destrinchar desse tópico em dois pontos: primeiro, o fato de que 11 respostas apresentam em seu teor as duas funções, portanto, detalhes que demonstram ao mesmo tempo a possibilidade do bibliotecário exercer sua função ou pelo viés do chefe ou pelo viés do líder; segundo, é que dentro dessas respostas, 6 sequências apresentam uma mescla das duas funções, inserindo o bibliotecário na condição de um profissional que exerce as suas funções em um papel misto que entrelaça as características de chefe e líder ao mesmo tempo. Assim sendo, o aspecto cultural que associa, de forma reducionista, o bibliotecário como um profissional que atua unicamente em bibliotecas, atrelado às implicações inerentes as organizações em que esta biblioteca se situa, são fatores que podem influenciar na percepção dos alunos e, por conseguinte, dos profissionais que adentram no mercado, com uma visão limítrofe da sua atuação e lugares para exercer seu papel profissional (NASSIF; SANTOS, 2009).

Apesar de algumas sequências apresentarem o bibliotecário inserido em uma determinada hierarquia, muita das vezes na condição superior ou inferior em comparação com outros quadros de funcionários (estagiários, auxiliares de biblioteca, supervisor, gerente, diretor e afins) em nenhuma das respostas houve um registro desse profissional alinhado com a categoria de filho, o que evoca uma aquiescência quanto ao bibliotecário ser um profissional que adota ou o papel de líder ou o papel de chefe, e não abaixo de determinadas categorias, sendo um profissional que se embrenha na malha autoritária ou na manta de um líder que une os membros de seu respectivo grupo (ARAÚJO, 2002).

As limitações quanto a percepção do âmbito de atuação descritas por Nassif e Santos (2009) são endossadas quando adentramos na investigação dos tipos de instituições ou tipologias de bibliotecas

mencionadas pelos alunos em suas respectivas respostas, constata-se que grande parte não declarou nenhuma instituição nas sequências expostas na presente análise, pois 14 dessas descrições não explicitam nenhuma instituição em específico. Ademais, há 4 respostas que contemplam a biblioteca escolar, 1 sobre biblioteca universitária, 1 para biblioteca especializada e 1 para ONG's.

Apesar de o exercício solicitar e explicitar inúmeras tipologias de bibliotecas e demais instituições que possam ser empregadas para a sua respectiva resolução, além dos discentes cursarem disciplinas obrigatórias sobre Fundamentos de Biblioteconomia e afins, é crível inferir sobre o desconforto que acompanha os alunos quando precisam expressar, indagar ou mesmo arriscar expor algumas premissas. O fato de o aluno cursar o primeiro ano, aliado a questão da ausência de diálogo, explicitações sobre os lugares de atuação, hábito de frequentar bibliotecas e demais espaços que apresentam o bibliotecário, são fatores que podem contribuir na dificuldade dos discentes de se expressarem sobre instituições que lhe são disponíveis tanto no âmbito da atuação, como na condição de espaços de lazer, cultura, informação e comunicação. Todavia, o estudo também apresenta a resposta de alunos que cursam períodos finais da graduação, o que, em certa medida, evoca o fato de que “os modelos formativos atuais na área de informação têm se demonstrado insuficientes para suprir a grande complexidade relativa aos contextos informacionais” (CRUZ et al., 2017, p. 152). Em suma, urge uma discussão mais aprofundada quanto as possibilidades de atuação do bibliotecário, tanto no quesito habilidades e competências quanto em ambientes de atuação.

A problemática acima já era evidenciada por Santos (1996, p. 7) que nos traz o seguinte questionamento: “o currículo atual, herdeiro do tecnicismo norte-americano, forma principalmente profissionais hábeis nessa área. As questões relativas aos usuários recebem, entretanto, um tratamento menos privilegiado. Dito de outra forma, há uma necessidade de adentrarmos mais nas investigações práticas quanto ao papel e espaço de atuação do bibliotecário, de forma a prover capacitações que atendam as novas demandas institucionais e dos próprios usuários, ao invés do exercício de manutenção curricular estritamente teórica sobre o usuário, porém deslocado de suas necessidades reais e ou potenciais.

Outra circunstância que acompanha algumas diretrizes mencionadas acima é quando se observa os exercícios que foram feitos, porém com desvios, ou seja, questões que foram respondidas, mas que não se detiveram nas premissas mínimas solicitadas, tais como: a declaração de um tipo de biblioteca para exemplificar o andamento da escrita, além de apresentar indícios que denotem a função de líder ou de chefe, bem como expressões que nos apresentem uma ordem desses raciocínios. Apesar da sequência 2

mencionar a questão da hierarquia, autoridade, poder, ainda assim o exercício ficou vago no que se propõe. Em complemento, a sequência 6 também não apresenta pontos convergentes com o exercício, pois apesar de trazer o exemplo de uma instituição, no caso ONG's, a escrita exerce um desvio integral do que foi sugerido pela questão.

Quando detemos o olhar para o índice de frequência, as sequências escritas pelos alunos demonstram que há uma aproximação, uma linha muito tênue, entre o consenso do bibliotecário ser identificado como líder (21+) em detrimento do bibliotecário chefe (20-). Cabe avigorar que o índice de frequência considera não apenas o viés líder / chefe declarado de forma clara ou obscura em cada sentença, mas também soma a quantidade de repetições de palavras, expressões e indícios que se direcionam para um dos dois aspectos citados. Por exemplo, é crível afirmar que de todos os exercícios, 3 sequências evocam uma ênfase maior para o viés líder (sequência 10, 12 e 18), 4 sequências enfatizam o viés de chefe (sequência 4, 11, 15 e 19) e 5 sequências demonstram a possibilidade de empate (sequência 3, 5, 7, 17 e 21), sendo que as duas últimas ainda reforçam os dois vieses no decorrer da escrita.

No que diz respeito ao índice de ordem, a maioria das sequências apresentadas demonstram que a escrita dos alunos corresponde à frequência mediante a qual declaram o viés inerente ao bibliotecário e suas respectivas funções. Todavia, duas das sequências apresentadas demonstram uma inversão de importância (sequência 4 e 15) no decorrer da escrita. No primeiro, o aluno demonstra o viés de líder aplicado ao bibliotecário, exemplificado por intermédio da função de orientação, ajuda, trazendo um equilíbrio entre as demais pessoas que necessitem de alguma informação. Porém ao mesmo tempo, a escrita vai delineando um caminho entre alguém que está “acima” do bibliotecário, visto como chefe, até o ponto em que o mesmo relato apresenta a possibilidade do chefe ser alguém que somente ordena, manda e não ajuda, tanto o bibliotecário que está em uma hierarquia inferior, quanto o próprio bibliotecário quando se encontra no ato de exercer suas funções de forma mandatória. Em suma, a passagem do bibliotecário líder para o subordinado ao chefe e depois para o bibliotecário chefe é vista de forma delicada, mas que aos poucos torna-se visível pelos atos de aplicação da força, obediência e ausência de comunicação interpessoal adequada, de forma que o ambiente se modifica de forma voluntária, ou involuntária, pelas próprias ações do gestor (LION; MIRANDA, 2016).

O segundo exemplo (sequência 15), já apresenta uma pequena diferença, pois a escrita do aluno não demonstra uma possibilidade de passagem do modo de atuação pelo viés do líder para o viés de chefe, mas sim, a descrição do bibliotecário cuja visão desperta o olhar da liderança, mas que em termos de atuação, é impregnado dos meios inerentes ao conceito de chefe. A adoção de termos ligados ao modo

de gestão focado na filosofia de chefe, ou seja, aplicação de autoridade, administração do espaço e de seus “inferiores”, terceirização de determinados procedimentos, ao invés de estabelecer, uma linha horizontal de atividades, endossa o viés de chefe, o pai, que precisa ser visto como alguém superior, enquanto que os demais se alinham sob um plano hierárquico inferior, estabelecendo uma identificação entre si (FREUD, 2013).

Torna-se claro, assim, o fato de que há um desequilíbrio quando os discentes discorrem sobre um dos dois ou a dúplice líder / chefe, no mesmo exercício. Essa disparidade é ressaltada quando se investiga as variações de termos aplicados para cada um desses vieses. Termos como “hierarquia”, “autoridade”, “poder”, “subordinado”, “sua equipe”, “funcionários inferiores” e afins são comuns quando os alunos discorrem sobre o viés chefe, de forma que os termos citados, muita das vezes, são declarados de forma sinônímica. Contudo, não se observa termos em sinonímia sendo aplicados para o viés de líder, apesar de muitas sequencias apresentarem uma breve definição, ou mesmo exemplos, de atividades que demonstram esse procedimento por parte do bibliotecário.

De todos os exercícios, apenas a escrita do último aluno (sequência 21), relata uma situação no qual o bibliotecário não se enquadra na categoria de chefe, sendo esta inerente apenas aos superiores do dito profissional. Em seguida, há uma possibilidade de o bibliotecário ser categorizado como líder, contudo a escrita não situa o profissional como alguém que insurge na condição de gestor, sendo alguém que age como líder em prol de auxílio quanto a busca de conhecimento e demais necessidades básicas.

4 CONSIDERAÇÕES

Apesar da figura do bibliotecário ter sido enquadrada em diversos níveis de relação institucional, no que tange aos grupos (líder, chefe), ou mesmo na condição de subordinado é notório que o estudante do primeiro período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ainda não vislumbra acerca dos possíveis locais de atuação do bibliotecário. Isso fica evidenciado pelo fato de todos os estudantes terem apresentado como instituição de ação apenas a biblioteca, quando na verdade a ação do bibliotecário pode ocorrer nos mais diversos ambientes. A título de exemplos pode-se mencionar empresas de comunicação; jornais e revistas; empresas cinematográficas e de publicidade; videotecas; biblioterapia; serviços de informação em aeroportos, rodoviárias, instalações ferroviárias e de metrô; tradução; organização de congressos, Seminários e Simpósios, galerias de arte; Museus de Arte, Ciências ou Históricos (em colaboração com o profissional da área); centros de cultura e lazer; agências



de turismo; dentre outros locais não mencionados. Ou seja, a perspectiva discente quanto às possibilidades profissionais, em um primeiro momento, ainda é limitada ao que circula no senso comum social.

Inicialmente podemos inferir que esta limitação quanto aos campos de atuação deva-se ao fato de muitos não estarem ali movidos pelo seu livre e espontâneo desejo, no que diz respeito a escolha prioritária de faculdade para cursar no momento do ENEM. Além disso, a ausência de determinados hábitos culturais relatados por alguns discentes não apenas nas atividades como no decorrer das aulas, tais como: pouca frequência as bibliotecas, centros de cultura, pouco treinamento em práticas de pesquisas, ineficiência de um projeto de auxílio e desenvolvimento de competência informacional desde o período escolar fundamental, intercâmbio de experiência interpessoal familiar – em prol do desenvolvimento de hábitos investigativos – e afins, são aspectos que os mesmos ressaltam como essenciais na contribuição e aprofundamento quanto ao conhecimento não só da área de biblioteconomia ao qual os discentes cursam, mas prover condições para que os mesmos possam compreender e escolher de forma assertiva os caminhos que almejam trilhar dentro do espaço acadêmico e, no porvir, profissional.

Quanto a ótica de o bibliotecário ser visto como um profissional provido dos aspectos de um chefe ou líder, cabe alguns apontamentos: em sua maioria, os discentes apresentam o entendimento quanto as características inerentes a cada posição de atuação profissional. Todavia, quando os mesmos apontam a escolha de um viés para enquadrar o bibliotecário, é crível afirmar que a separação da perspectiva de chefe e de líder não apresenta muita divergência, pois tanto no que diz respeito ao discurso do bibliotecário chefe, quanto no discurso que apresenta o bibliotecário como líder, temos uma diferença de apenas 1 ponto.

Em todo caso, cabe uma atenção e acompanhamento dessas duas nuances pois questões como a mescla de funções (chefe / líder), a diferença entre termos que enfatizam a categorização de chefe, em detrimento da ausência de termos sinônimos para a categorização de líder, reforça a grande propensão da atuação desse profissional ser atrelada a condições de construção de uma cultura, e em escala menor, clima organizacional, construído a partir de critérios de imposição, autoridade, subordinação de outros funcionários (auxiliares, estagiários) e afins. Cabe avigorar o fato de que independente da turma ao qual o exercício foi aplicado ser enquadrado no primeiro período, é comum que alunos de períodos posteriores, muita das vezes em condição de término da graduação, venham cursar disciplinas nos primeiros períodos, o que demonstra, em certa medida, que o estudo foi apresentado para alunos iniciantes e veteranos do respectivo curso de Biblioteconomia.

Em todo caso, é mister uma constante revisão das práticas mencionadas acima, bem como da própria aplicação do exercício, para que se possa verificar as mudanças quanto ao entendimento da área de mercado e a cultura de atuação do bibliotecário.

REFERÊNCIAS

- ABELS, E. et al. **Competencies for information professionals of the 21st century**. Canadá: Special Libraries Association, 2003. Disponível em:
<<http://www.sla.org/content/learn/members/competencies/index.cfm>>.
- ARAÚJO, N. C. Função Paterna e constituição dos grupos sociais. **Figura paterna e ordem social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições LDA, 2009.
- BERGSON, H. **A energia espiritual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CES nº 492 de 4 de julho de 2001. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jul. 2001.
- BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CASTELLS, M.; CARDOSO, G (org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Pará: Casa da Moeda, 2005.
- CAVALCANTE, L. E. Políticas de formação para competência informacional: o papel das universidades. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação: Nova Série**, São Paulo, v.2, n. 2, p. 47-62, dez. 2006. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/17/5>. Acesso em: 7 ago. 2019.
- CRUZ, T. L. et al. O perfil do gestor da informação: um estudo a partir dos egressos do curso de gestão da informação da UFPE. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 150 – 184, jan./abr., 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/26116/21055>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- GONÇALVES, M. G. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (org.). **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 37-52.
- FARIAS, M. G. G.; VARELA, A. Desiderato do protagonismo social na formação do bibliotecário mediante o desenvolvimento de competências em informação. **Folha de Rosto**, v.4, n. 1, p. 34-44,



jan./jun., 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/270/245>. Acesso em: 9 ago. 2019.

FÁVERO, M. L. A. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>. Acesso em: 12 ago. 2014.

FIDELIS, M. B. As esferas da sociedade: informação, mundo vivido e Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14., Santa Catarina. **Anais [...]** Santa Catarina: UFSC, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 21.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 13.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica (1895)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1.

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p.10-21, mar./ago. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048>. Acesso em: 9 ago. 2019.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: Ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

LIBANIO, J.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.

LION, S. E. K.; MIRANDA, Z. D. Os estilos de funcionamento da liderança nas bibliotecas universitárias do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIBI/UFBA): um estudo sobre o poder organizacional em unidades de informação. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 135-150, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/abcib/article/view/28277/15248>. Acesso em: 7 ago. 2019.

MARTINS, L. G. Bibliotecário como mediador de aprendizagem: uma proposta a partir do uso das TICs. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 31, n. 2, p. 73-98, jun./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5602>. Acesso em: 9 ago. 2019.

MOREIRA, J. C. C.; VANALLI, T. R.; MOREIRA, V. P. Concepções sobre o espaço biblioteca: a premência de ressignificar seu papel. **Bibl. Univ.**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 4-19, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistarbu/article/view/3107/pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.



NASSIF, M. E.; SANTOS, E. L. O profissional da informação em atividades de inteligência competitiva. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 21 - 37, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/2477/4145>. Acesso em: 23 jan. 2020.

PANZENHAGEN L. M.; NEZ, E. Chefia e liderança na gestão pública: algumas reflexões. **Gestão em Foco**, Mato Grosso, v. 1, p. 1-13. 2012. Disponível em: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/gestao_foco/artigos/ano2012/chefia_lideranca.pdf . Acesso em: 2 ago. 2017.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POLIZELLI, D.; OZAKI, A. (org.). "**Sociedade da Informação**". Rio de Janeiro: Saraiva, 2007.

RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia Científica**. Paracambi: FAETEC/IST, 2007.

SANTA ANNA J.; CALMON, M. A. M. A percepção do aluno iniciante e do aluno concluinte do curso de biblioteconomia de uma universidade a respeito do bibliotecário: enfoque na atuação profissional. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 31, n. 2, p. 130-146, jun./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7024/5271>. Acesso em: 9 ago. 2019.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, P. S. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Inf.&Inf.**, Londrina, v.1, n.1, p.5-13, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1613/1367>. Acesso em: 23 jan. 2020.

SILVA, J. L. C. 2011. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, 16. Disponível em: http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797/pdf_63. Acesso em: 7 ago. 2019].

SIQUEIRA, J. C. Informação e documento: relações simbióticas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 91-110, 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/7675/9631>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SOUZA, L. F.; FEITOZA, R. A. B. Responsabilidade social do bibliotecário enquanto mediador literário: análise nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Nordeste do Brasil. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 58 – 76, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/33492/23695>. Acesso em: 9 ago. 2019.

SOUSA, J. P. S.; SANTO, E. E. Uma análise dos estilos de liderança organizacional. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 160-169, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/4911/3716>. Acesso em: 7 ago. 2019.



TAKAHASHI, T. (org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

TETERYCS, T. Bibliotecário de referência como coadjuvante no desenvolvimento do pensamento crítico do discente de graduação. In. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 15., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2609.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento Sistêmico**: O Novo Paradigma da Ciência. 5 ed. São Paulo: Papirus, 2002.

PROFESSIONAL PERFORMANCE IN THE PERCEPTION OF DISCENTS OF BIBLIOTECONOMY IN RIO DE JANEIRO: INVESTIGATIONS UNDER THE ROLE OF CHIEF OR LEADER

Abstract: The purpose of this paper is to verify which is the understanding of the students of the first period of librarianship, regarding the institutional functions that the librarian can play in the ambit of the leader and or boss. In addition, it is also intended to verify what are the possibilities of professional performance that students envision for the professional librarian. The methodology of this work will be based on the analysis of the content of the answers that the students provided to a non compulsory activity proposed in the classroom. Although not mandatory this activity would contribute to the evaluation. As a result, the librarian is eminently perceived as a leader, yet there are limits to the possibilities of professional insertion, since the students' responses oscillate in only one place of action: the library itself.

Keywords: Education. Memory. Librarian. Content analysis.

